

Avenida secular

Baixa dos Sapateiros completa hoje 170 anos de existência conservando suas características de mercado livre

Jane Fernandes

A rua cantada por Ary Barroso completa hoje 17 décadas de existência. Nesse meio tempo muitas coisas mudaram por ali, o grande vale que se inundava quando a chuva castigava a cidade parou de sofrer com isso, pois o Rio das Tripas foi drenado pelo governador J.J. Seabra. Em uma justa homenagem, batizaram a avenida com o nome do seu benfeitor, mas já era um tanto tarde. O movimento dos árabes vendedores de couro e dos italianos fazedores de sapato tinha aprofundado suas marcas e já mais ninguém conseguiria chamar aquele lugar por outro no-

me, que não o tão popular Baixa dos Sapateiros.

Um dos últimos redutos para quem deseja comprar um fogão "jacaré" (aquele de duas bocas) ou um penico esmaltado, a rua secular traz em cada loja um resumo do seu espírito. Não precisa andar do Aquidabã até a Barroquinha para dar de cara com essa diversidade. Basta olhar pela janela do recluso seu Edinho, que conserta fogões, painéis de pressão e o que mais cair na sua mão. Ou quem sabe escolher uma daquelas lojas de artigos para o lar, que aproveitam o ensejo e oferecem "quebra-cuca" para as crianças e tubos de PVC para os encanadores.

Se um passeio rápido reve-

la a variedade típica do lugar, um outro universo cheio de nuances e lances interessantes pede um olhar mais atento para se revelar. Esse mundo de tantas histórias e estórias está atrás dos rostos que pedem atenção, das vozes que anunciam seus produtos, das mãos que batem palma na tentativa de conquistar um comprador. A cada passo um sorriso conta uma alegria, um ar mais sério lamenta uma tristeza, mas eles seguem sempre adiante. Conheceram os tempos áureos do comércio efervescente e hoje assistem às tentativas de reverter a decadência, mas não arredam o pé, pois sabem que no final das contas são pequenos capítulos desses 170 anos de história.

Fotos de Antonio Queiroz



A Baixa dos Sapateiros resiste a decadência e tenta reviver os tempos áureos do comércio efervescente

Remédio de tubarão



ELE NÃO sabe ao certo o que é "causilagem" de tubarão, mas vende o produto como um bom remédio para um monte de males. Se maniver sua determinação em concluir o segundo grau - retomado esse ano após três décadas fora da escola -, ele decerto não vai demorar a descobrir o equívoco escondido nesse estranho nome. Al, o ex-

carterio vai perceber que a latinha metálica guarda na verdade uma porção a base da cartilagem desse "vilão dos mares". Em meio a sua banca repleta de folhas, saquinhos de sal grosso e pequenas porções de enxofre - "o pessoal queima dentro de casa para espantar o dabo" -, Carlos não dá sinais de cansaço e aposta na volta às aulas como uma forma de estar antenado com as necessidades do mercado. "Quanto mais nos mantemos atualizados melhor, até para decidir uma mudança de mercadorias", afirma, mostrando ter sido ótimo aluno nas lições da vida.

CARLOS ALBERTO SOARES, 49 anos

Abrigo improvisado



MESMO UM motorista apressado acaba por notar aquela figura escondida embaixo de um guarda-sol improvisado. Juntando um velho guarda-chuva e um pedaço de madeira, ela construiu um abrigo prático e barato. "Ficar no sol quente! Quem é doido?", dispara. Manobrando sua "invenção", ela nem precisava

levantar da cadeira de plástico para botar o "para-sol" na direção exata. Sorridente, Elizete vende suas lingüetas por R\$0,10 e se chateia com o povo que vira e mexe vem pedir uma. "Toda hora chega um, se eu der, não dá para tirar nenhum trocado", reclama. Sergipana radicada em Salvador desde 1973, há 25 anos ela descobriu na Baixa o seu ganha-pão e, desde então, não soube mais o que era sair de lá.

ELIZETE SANTOS, 60 anos

Pequeno império



EM 1969, a rodoviária ficava na Sete Portas e ele não teve dificuldades para ancorar até o lugar onde vários conterrâneos seus trabalhavam. Era como se houvesse uma linha direta entre Riachão do Jacuipe e a Baixa dos Sapateiros. É certo de que ali estava o seu futuro, o homem que ainda nem conhecia edifícios vendeu um bezerro para vir morar na capital. O dinheiro só deu para a passagem e ele chegou "com uma mão na frente e outra atrás". Cheio de brío, enfrentou noites frias dormindo no estacionamento do Banco da Bahia e um dia chegou a ter seu pequeno império. Charles Caçadores era o nome da rede de oito lojas que agora se resume a "uma portinha". Os planos econômicos consumiram suas conquistas, mas como ele mesmo diz: "toda essa história daria um livro".

AMADO DE JESUS, 55 anos

Vendedor incansável



FAZ UNS 20 ANOS que o governo concedeu sua aposentadoria, mas sem saber o que fazer com tanta disposição, ele decidiu continuar a trabalhar. Em pensar que sua estréia como vendedor aconteceu por acaso, como fruto de uma brincadeira de "rapazote". Há 57 anos, o então estudante de eletromecânica entrou na loja apenas para "tirar um sarro" e saiu com o emprego garantido. Até pensou que ficaria apenas durante as férias escolares, mas acabou se apaixonando por uma colega da loja em frente e não quis mais sair dali. Ex-amante de farras regadas a mulheres e bebidas, ele ainda se sente tentado pelos apelos mundanos, mas segura na sua fé evangélica para resistir a tudo. Do antigo "Cabralzinho" restam apenas o futebol dominical e a lábia de quem vende até areia no deserto.

CARLOS CABRAL, 71 anos